



# Comentário sobre o artigo “O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação”, de Jorge Canestri

*José Carlos Calich\*, Porto Alegre*

*O autor comenta o artigo de Jorge Canestri, publicado neste número da Revista de Psicanálise da SPPA, procurando inicialmente destacar aquilo que compreende como sendo o fio condutor das idéias daquele autor, dando ênfase a três metaquestões com as quais o texto permanentemente dialoga: a revolução epistemológica do conhecimento em geral, particularizadas nas evoluções da física e da matemática; a dificuldade de estabelecimento da natureza e dimensões do objeto de estudo da psicanálise, o aparelhamento mental humano e seus processos inconscientes; e a crise de comunicação (babelização) da psicanálise. A partir destes, comenta os caminhos escolhidos por Canestri para sua nova conceituação de processo psicanalítico, levantando ao final, de forma esquemática, questões que decorrem do texto, bem como possíveis limitações.*

*Descritores: processo analítico, trabalho de transformação, teorias implícitas, modelo imaginário, modelo teórico.*

---

\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Jorge Canestri é psiquiatra e psicanalista, analista didata da Associação Italiana de Psicanálise e da Associação Psicanalítica Argentina. Foi Diretor do Instituto de Psicanálise da Associação Italiana de 1992 a 1998, *Chair* do Congresso da IPA realizado em Nice na França em 2001 e membro de vários comitês da IPA nos últimos anos. Participa do *European Board* do *International Journal of Psychoanalysis* e é Coordenador do *working party on theoretical issues* da Federação Européia de Psicanálise, cujo interesse predominante tem sido o estudo da influência da teoria na prática psicanalítica. Partindo deste, o tema escolhido para ser desenvolvido por essa comissão foi “A relação entre as teorias públicas e oficiais e a teoria implícita de cada analista”.

Canestri é autor de diversos artigos, nos quais aborda áreas como matemática, lógica, linguagem, distúrbios do pensamento, heurística, pesquisa em psicanálise, teoria, técnica e educação psicanalíticas. Junto com Jacqueline Amati-Mehler e Simone Argentieri, é autor do livro *The Babel of the Unconscious. Mother Tongue and Foreign Languages in the Psychoanalytic Dimension* (Madison, Connecticut: International Universities Press, Inc., 1993). Apresentou *O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação* como um dos três relatórios centrais do 64º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, realizado em Milão de 20 a 23 de maio de 2004, cujo tema foi “O processo psicanalítico”. Segundo colegas que lá estiveram, a apresentação foi muito apreciada e amplamente discutida ao longo das sessões que a seguiram.

Entendo que o trabalho em questão é uma espécie de *autobiografia* psicanalítica e intelectual, resultado de estudos cuidadosos e aprofundados realizados ao longo de muitos anos. Este conhecimento está expresso não como revisão exaustiva da literatura a respeito dos vários ângulos abordados, mas como síntese reflexiva através de exposição minuciosa do estado atual de seu pensamento sobre o processo psicanalítico.

Ao longo do texto, é possível identificar sua erudição psicanalítica e não psicanalítica, o que permite ao autor fácil trânsito entre os diferentes modelos de pensamento psicanalítico e disciplinas do conhecimento geral. Percebe-se rigorismo na utilização de conceitos, sem que, de modo algum, se aproxime da rigidez. Esta precisão conceitual faz com que se proponha a realizar uma espécie de desconstrução, a exemplo da metodologia derridiana, de cada um dos conceitos em exame, em cada um de seus vértices, expondo suas origens, inserções e correlações, perpassando-os pelo crivo epistemológico, de maneira a fundamentar seus caminhos, tornando suas escolhas convincentes e atraentes.

Por capacidade do autor, conceitos complexos são apresentados de modo a



Comentário sobre o artigo “O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação”, de ...

tornarem-se acessíveis, facilitando sua compreensão, mesmo com as difíceis temáticas abrangidas. Quando os conceitos apresentados não estão suficientemente desenvolvidos no texto, o leitor é informado da insuficiência, sendo indicadas fontes bibliográficas complementares. Com naturalidade, incursiona pelos modelos matemáticos, da mecânica quântica, da teoria determinista do caos, dos vieses lingüísticos e cognitivos, das abordagens epistemológicas. Transforma o texto, necessariamente denso, em leitura atraente e enriquecedora. Há momentos em que, aparentemente, o autor se afasta do tema, comentando e detalhando conhecimentos paralelos. Entendo tratarem-se de fundamentações necessárias à sua coerência metodológica, apesar de, por vezes, serem de difícil articulação, exigindo atenção e conhecimento do leitor.

Assim, comentar o texto de Canestri exige, de certa forma, a repetição do processo de compreensão, identificar o que é implícito a ele, problematizá-lo, criando uma nova fonte de subjetividade, agora do comentarista com o texto. Dada a extensão e complexidade do material apresentado pelo autor, necessariamente muitos dos pontos abordados não serão comentados ou mesmo citados neste comentário.

### Os pontos de partida: as “metaquestões”

Considero que o texto tem como fio condutor três questões amplas, interligadas, que trazem tensões ao conhecimento psicanalítico, as quais me atrevo chamar de *metaquestões*. Por estarem ligadas à essência das preocupações ligadas à delimitação, à especificidade, à verificabilidade e à comunicabilidade da psicanálise e de seus instrumentos, têm estado constantemente presentes, de modo implícito ou explícito, nas tentativas de teorização dos conceitos psicanalíticos, demandando longo trabalho reflexivo dos autores.

A primeira, de cunho mais geral, é aludida logo no início da exposição, ligada à modificação do panorama do conhecimento humano em geral e das ciências em particular. Refere-se à revolução epistemológica ocorrida a partir do início do século XX, quando novos vieses de observação determinaram a perda da universalidade das teorias, com a importância crescente da individualidade, da subjetividade, da participação do observador, da intersubjetividade, da complexidade, da interpretação como instrumento de apreensão da realidade, da intuição, acompanhadas pelo *fim das certezas* (Prigogine, 1996), que alteraram significativamente a visão de mundo de grande parte dos pensadores nos diversos ramos do saber. Apesar de Freud ter sido um precursor desta visão de mundo, a influência



José Carlos Calich

maior destes novos aportes na teorização e na clínica psicanalítica deu-se a partir dos anos 50, quando a construção de novos modelos psicanalíticos da mente passou a refletir estas modificações, com a necessidade de redefinição de conceitos teóricos e técnicos.

Esta é uma visão central do trabalho, permeando praticamente todo o texto. Exemplifico apenas com algumas citações:

“A simplicidade do mundo nos foi subtraída”.

“O aspecto que isolamos é modulado por nossos métodos e pelas questões às quais tentamos responder.”

“...um conhecimento só é razoavelmente exaustivo se renunciar a ser exaustivamente objetivante; ... só é razoavelmente exaustivo se for em parte participativo.”

“A substituição do modelo de codificação-decodificação por um modelo inferencial”;

“a gramática da enunciação e o sujeito da enunciação”

“as noções de terceiridade e de interpretante na obra de Peirce”.

Estes últimos são citados como novas formulações da lingüística que influenciam o modelo conceitual do autor.

Canestri privilegia, nesta revisão, as mudanças ocorridas principalmente na física, que contribuíram para um novo direcionamento da ciência como um todo. Este movimento foi sintetizado por Ford (citado por Gleick, 1989) na seguinte frase: “A relatividade eliminou a ilusão newtoniana sobre o espaço e o tempo absolutos; a teoria quântica eliminou o sonho newtoniano de um processo controlável de mensuração; e o caos eliminou a fantasia laplaciana de previsibilidade determinista” (p.5).

Este privilégio dado à física não descarta revoluções semelhantes ocorridas nos modelos filosóficos, sociológicos, lingüísticos, que são mencionadas ou tangenciadas. Através de uma referência a Bitbol, é possível inclusive supor que a não diferenciação entre ciências humanas e da natureza é parte do corte epistemológico feito pelo autor:

“A análise resultante é uma análise em situação, que privilegiará todas as situações nas quais está incluído o observador, numa leitura objetivante que já tomou distância do real (como na física clássica) e que pode atribuir um valor ontológico ao real do qual fala. A concepção objetivante da teoria científica é substituída por uma concepção *indexical*, por uma epistemolo-





Comentário sobre o artigo “O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação”, de ...

gia *participativa* que recusa uma das dicotomias características, já mencionadas, do neopositivismo, a saber, *aquela entre ciências humanas e ciências da natureza*” (grifos meus).

A segunda *metaquestão*, que no meu entender orienta o texto, está ligada à dificuldade em compreender a natureza *ontológica* e as dimensões do aparelhamento mental humano e seu inconsciente, objeto do estudo da psicanálise. Envolve a dificuldade de integrar em um único modelo as influências genéticas (hereditárias), cognitivas, traumáticas, transgeracionais da memória extra-somática (via linguagem) em inter-relação com os aspectos oriundos da transformação simbólica, em suas dimensões intrapsíquicas e intersubjetivas, e em conceber os instrumentos de sua transformação (Calich, 2003, 2004a).

Tais questões influenciam a fundamentação do trabalho de transformação e das possibilidades de mudança psíquica, referidas já no título do artigo. Estas dificuldades transcendem aquelas derivadas das diferenças de observação a partir das várias teorias psicanalíticas, influenciando diretamente a teorização em psicanálise e, por conseqüência, qualquer tentativa de definição de processo psicanalítico.

Considero que sua presença marcante no texto está expressa no diálogo entre os vieses metapsicológico (teoria da mente) e epistemológico (teoria do conhecimento), tema que retomarei adiante.

A terceira *metaquestão* está ligada à impossibilidade, mencionada no trabalho e há muito conhecida, de abordar em termos consensuais o que é o processo psicanalítico (assim como praticamente qualquer conceito em psicanálise). Defini-lo nestes moldes dependeria de teorias e conceituações unificadas. A diversidade de referenciais teóricos com princípios organizadores diferentes e a polissemia dos conceitos têm sido referidas como babelização da psicanálise, termo que o próprio Canestri auxiliou a consagrar a partir do livro de que é co-autor e de diversos artigos sobre o tema.

Além da referência explícita às diferentes possibilidades de definição de processo pelos diferentes modelos da mente, expressa-se, no meu entender, através da importância das teorias implícitas do analista como fonte de elementos para expansão das possibilidades de transformação na sessão. Dito de outra forma, ao invés de ir em busca de um *consenso* impossível, Canestri propõe, a partir do fenômeno apontado por Joseph Sandler, a aceitação de uma realidade clínica hipercomplexa, na qual cada analista constrói segmentos de teoria *naquela situação*. Enfatiza a concepção, que, deste movimento na sessão, resultaria um aumen-





José Carlos Calich

to da capacidade heurística do processo, este também visto como ocorrendo *em situação*:

“Certos insucessos ou certos impasses podem ser atribuídos ao fato de haver uma certa incapacidade do analista para construir, no percurso, os segmentos teóricos que melhor se adaptariam às problemáticas específicas de um paciente e a uma determinada relação.”

“Este dinamismo orienta também o trabalho de transformação que o analista consegue (ou não consegue) promover no processo analítico.”

“Como já disse anteriormente, considero que essa descrição, por um lado, *reflete de forma mais fiel a verdadeira técnica do analista e, por outro, introduz elementos heurísticos em nossa reflexão*. Uma epistemologia anti-dogmática deveria favorecer essas teorias e esses programas que demonstram um maior poder heurístico e, deste ponto de vista, Freud parece dar um bom exemplo” (grifos meus).

## Os caminhos

Colocadas, portanto, explícita ou implicitamente, as questões seguintes: se o objeto da psicanálise é complexo, imaterial e as teorias para explicá-lo interagem de forma também complexa com o analista e com a situação analisante, se a mente não é um sistema fechado e apresenta uma complexa relação entre intrapsíquico e intersubjetivo, se nosso processo de mudança psíquica não pode ser definido por seu objetivo, de que instrumentos se utiliza o autor e quais os que nos oferece, ligados ao momento atual do conhecimento humano, para dar conta dos problemas da teorização em psicanálise?

Uma vez que estas questões estão colocadas ao nível da compreensão do objeto de estudo, a resposta natural é a da necessidade de uma reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento, o que conduz o autor ao viés epistemológico, amplamente privilegiado no texto.

Através da epistemologia e de forma mais enfática na epistemologia matemática e na metodologia dos programas de investigação de Imre Lakatos (Lakatos, 1970, 1998), encontra alguns dos instrumentos conceituais fundamentais para sua conceituação de processo: as noções de *quase-empírico*, mente do pesquisador (analista), a utilização de modelos e a heurística. Estas são acrescidas de uma outra noção que se revela central na inspiração do autor:





Comentário sobre o artigo “O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação”, de ...

“Nas proposições epistemológicas de Lakatos, pelas quais me interessei anteriormente, o progresso adquire a significação de progresso através da mudança: não um progresso em direção a algo.

Agrega as contribuições epistemológicas introduzidas pela mecânica quântica e pela teoria determinista do caos, principalmente as da indissociabilidade do objeto e do instrumento que tenta desvendar suas características, a dos mundos paralelos, a da auto-organização, introduzindo noções que se aproximam de paradoxos, estranheza e conduzem à não linearidade do processo, à noção de tempo fragmentado, enriquecendo seus pontos de vista sobre intersubjetividade e o “sistema” constituído pela relação analista-analisando.

Da forma como coloquei, a escolha de Canestri pela epistemologia poderá parecer a única possível. Acredito que tenha se tornado a natural a partir das *metaquestões* que inferi influenciarem o texto. Se as perguntas implícitas fossem outras, outro caminho seria buscado. Por exemplo, uma alternativa possível ao mito objetivante pré-revolução epistemológica poderia ser a criação de um *estatuto do sujeito*, por onde algumas escolas de pensamento psicanalítico e não psicanalítico transitam. A noção de intersubjetividade, o vínculo participativo, a noção de espaços psíquicos comuns e partilhados sugerem que a subjetividade não pode ser considerada como uma estrutura fixa ou independente e a noção de sistemas abertos impede mesmo que se considere como uma estrutura estável. Canestri transita por essas tensões quando discute a dicotomia sujeito-objeto e descarta a construção de um “mito do sujeito” como organizador do processo, ao longo de sua exposição. Destaco:

“A conceitualização do sujeito – que foi um tema central do pensamento de Lacan – deveria ser um dos objetivos da psicanálise contemporânea. É difícil articular uma descrição verossímil do processo em termos intersubjetivos sem uma definição séria do sujeito enquanto tal”.

Levando, portanto, em conta estas características do inconsciente e da intersubjetividade da situação analisante, define-se por um epistemologia antidogmática, pós-empirista, participativa, não-objetivante. Define-se, também, pela necessidade de modelos temporários, *em situação*, que evoluam dinamicamente com possibilidades explanatórias cada vez maiores, ou seja, de modelos de alto valor heurístico.

Encontra no conceito de teoria implícita *em situação* a correspondência clínica destes modelos temporários de alto valor heurístico, enriquecendo o con-





José Carlos Calich

ceito de Sandler, que considerava estes modelos *mais apropriados* à situação clínica (mais adequados para a compreensão daquele segmento da relação analista-analisando) do que as chamadas teorias oficiais. Ao atribuir um valor heurístico positivo a estas teorias implícitas, coloca-as como fundamentais à noção de processo.

O autor criteriosamente separa trabalho analítico de processo, tendendo à posição de que o processo não é algo natural, mas sim artificial. Reforça a idéia de Green de que a existência de trabalho analítico não significa processo, podendo gerar também um não-processo ou um contraprocesso. Processo, portanto, como resultado de algo e não como premissa, na busca de um objetivo preestabelecido.

Aproxima a lógica da descoberta à lógica da justificação, o que contextualiza epistemologicamente a teoria implícita na sessão, que é a construção de uma teoria *em situação*, ou seja, num contexto em que descoberta e justificativa estão superpostas.

Finaliza, após um longo e cuidadoso percurso, com uma redefinição de processo psicanalítico contextualizado com essa nova realidade do conhecimento psicanalítico e humano em geral.

## Alguns comentários e questões

A seguir exponho algumas das reflexões que o texto me suscitou, lamentavelmente de forma densa e quase esquemática. Cada uma dessas colocações necessitaria de um novo trabalho para poder tornar-se clara.

1. O exame do tema pelo viés epistemológico, com a construção pelo autor de um modelo *imaginário* de processo psicanalítico inspirado nos modelos da mecânica quântica e da teoria determinista do caos, no meu entender, permitiu uma definição operacional de processo com um valor heurístico elevado, ou seja, capaz de abrir novos caminhos para a ampliação da compreensão da interação analista-analisando-teoria-implícita-*em situação*.

2. Entendo que esta evolução, de uma visão teleológica do processo para uma visão do processo *em situação*, coloca o processo psicanalítico como uma *função* da *unidade dinâmica formada pela interação analista-analisando-teoria-implícita-*em situação**.

Nestas condições, o processo e suas vicissitudes somente poderão ser conhecidos a partir de sua ocorrência, através de um *segundo olhar*.

3. Considerado função dinâmica, poderá transitar entre processo, não-pro-





cesso e contraproceto, na unidade de tempo observada.

4. Utilizando-se do modelo proposto pelo autor e restringindo-se a ele, seria válida a correlação entre *alto valor heurístico* e a ocorrência de processo e, por outro lado, *baixos valores heurísticos* e a ocorrência de não-processo ou contraproceto? Considerando *alto valor heurístico* a existência de elementos no processo – funções, portanto, da *interação analista-analisando-teoria-implícita-em situação* que favorecessem o trabalho de transformação e *baixos valores heurísticos* a existência de elementos no processo que *não* favorecessem o trabalho de transformação.

5. Estas considerações nos remetem a algo que acredito seja complementar ao trabalho e à definição proposta, que é a compreensão da dinâmica da situação analisante dentro deste novo referencial. Dito em outras palavras, faz-se necessário estudar, a partir desta nova definição, qual a *microscopia* psicanalítica da *interação analista-analisando-teoria-implícita-em situação* e sua relação com processo, não processo e contraproceto.

6. É possível que sejam necessárias, para a complementação sugerida no item anterior, uma atualização e ampliação da metapsicologia que inclua de modo mais consistente a intersubjetividade.

7. O privilégio que Canestri deu ao exame detalhado das várias fontes inspiradoras para seu modelo de processo, de certa forma, diminui a importância de suas fontes conceituais psicanalíticas (apresentadas como *Haikai*, ou seja, como esquema breve). Este esquema pode parecer não articulado com o modelo imaginário, permitindo ao leitor a suposição de que o autor esteja incorrendo no mesmo erro que denuncia, ou seja, o da confusão entre modelo teórico e modelo imaginário. Acredito que, mesmo com as ressalvas ao longo do texto, ao final, não deixa isso suficientemente claro. Ressalto, porém, que a preocupação maior do autor, neste momento, de construir através da metodologia já exposta uma definição de processo solidamente fundamentada, coerente com a realidade clínica, tomada como implícita ao conhecimento do autor e representando uma abertura a novas possibilidades de expansão, deixa essa necessária articulação para um segundo tempo. Como já expus, acredito que Canestri tenha sido exitoso em sua proposta.

8. Essa não articulação entre os conceitos psicanalíticos e os do modelo *imaginário* leva a outras questões subsequentes e de maior dificuldade. O que organiza ou auto-organiza o sistema? Neste modelo, serão *objetos psicanalíticos* (Bion, 1963) necessariamente?

9. Se levássemos um pouco adiante o modelo *imaginário* do autor e considerássemos a estrutura de *dinâmica processual de desorganização-reorganização*, ou auto-organização, conforme é mencionado no texto, estaríamos nos refe-



rindo a *estruturas dissipativas* (Prigogine, 1977, citado em Prigogine, 1996), caóticas ou complexas (Gleick, 1989), organizadas em torno de *atratores estranhos*<sup>1</sup>. A teoria-implícita-em situação funcionaria como um *atrator estranho* ao processo? Elementos (funções) psicanalíticos da personalidade (Bion, 1962) de ambos os componentes da dupla também funcionariam como *atratores estranhos* ao processo?

10. A considerar a teoria do pensamento de Bion ou a do simbolismo de Piera Alaugnier ou a do crescimento mental de Winnicott, *objetos psicanalíticos* (generalizando o conceito de Bion, 1963) têm alto valor heurístico. Assim considerado e na mesma linha da hipótese anterior, o sistema caótico “unidade dinâmica formada pela interação analista-analisando-teoria-implícita-em situação” quando sob a ação do *atrator estranho objeto psicanalítico* tenderia a se organizar como *processo*? E quando sob a ação de objetos não-psicanalíticos (portanto de baixo valor heurístico), tenderia a se organizar como *não-processo* ou *contraprocessos*?

11. Se corretas as hipóteses acima, a existência de correspondência entre a dinâmica do processo psicanalítico e a dinâmica do funcionamento da mente ficaria ainda mais acentuada.

12. Possivelmente, uma definição ou caracterização de *transformação* pelo autor seria necessária para fazer estas questões evoluírem. Ainda que o termo esteja no título do trabalho e incluído na definição de processo, não é transformado em conceito. Como o modelo é *imaginário*, acredito que seja necessário distinguir entre transformações que ocorrem como resultado da evolução de um processo genérico ao qual um sistema está exposto e as de um processo psicanalítico. O próprio Lakatos utiliza em seu programa de investigação o termo transformação como resultante de uma heurística positiva, evidentemente em um sentido não psicanalítico.

13. Além disso, a conceituação de transformações auxiliaria também na compreensão da ocorrência de transformações não psicanalíticas no processo. A idéia de co-existência de transformação em objetos psicanalíticos e de transformações em objetos não psicanalíticos favorece a idéia de estrutura caótica e complexidade do processo (Calich 2004a, 2004b).

1. A aparente desordem em um sistema dinâmico no qual podem ser identificados padrões particulares de organização episódica, com a possibilidade do estabelecimento de regras para estes padrões, constitui-se, para a teoria do caos, em um processo determinístico não linear, um sistema caótico. Duas características fundamentais deste sistema são a sensibilidade às condições iniciais (pequenas variações nestas promovem comportamentos não preditíveis do sistema) e a existência de atratores. Estes últimos são organizadores temporários, repetitivos ou não, do sistema (atraem o sistema a uma determinada organização). Um “atrator estranho” (Lorenz, citado por Gleick, 1989) é um tipo específico de atrator que, dentre outras características, é produzido pelo próprio sistema que organiza (sintetizado a partir de Prigogine, 1996, Gleick, 1989 e Mondrzak et. al., 2003).



Comentário sobre o artigo “O conceito de processo analítico e o trabalho de transformação”, de ...

14. Como harmonizar epistemologia antidogmática, pós-empirista, participativa, não-objetivante com “Para explorar a atividade do analista, é necessário designar e utilizar instrumentos de pesquisa qualitativa”, instrumentos esses ligados à epistemologia empírica?

15. Talvez a idéia de um segundo tempo necessário é que dê ao leitor a impressão, ao chegar ao final do longo e rico texto, de que ele esteja apenas iniciando. □

## Abstract

### **Commentary on the article “The concept of analytic process and the work of transformation”, by Jorge Canestri**

The author discusses the article by Jorge Canestri, published in this issue of *Revista de Psicanálise of SPPA*, initially trying to highlight what he sees as the guiding line of the ideas of that author, emphasizing three *meta-issues*, which are in permanent dialogue with the text: the epistemological revolution of knowledge in general, considering particularly the evolution of physics and mathematics; the difficulty of establishing the nature and dimensions of the object studied by psychoanalysis, the human mental apparatus and its unconscious processes; and the crisis in communications (Babelization) of psychoanalysis. Based on these he comments on the routes chosen by Canestri for his new concept of the psychoanalytic process. Finally, he outlines issues that result from the text, as well as possible limitations.

Keywords: analytic process, transformation work, implicit theories, imaginary model, theoretical model.

## Resumen

### **Comentario sobre el artículo “El concepto de proceso analítico y el trabajo de transformación”, de Jorge Canestri**

El autor comenta el artículo de Jorge Canestri, publicado en este número de la *Revista de Psicoanálisis de la SPPA*, buscando inicialmente destacar aquello que comprende como siendo el hilo conductor de las ideas de aquel autor, dando énfasis a tres *meta-cuestiones* con las cuales el texto permanentemente dialoga: la revolución epistemológica del conocimiento general, particularizadas en las evoluciones de la física y de la matemática; la dificultad de establecimiento de la



naturaleza y dimensiones del objeto de estudio del psicoanálisis, el aparato mental humano y sus procesos inconscientes; y la crisis de comunicación (babelización) del psicoanálisis. A partir de estos, comenta los caminos elegidos por Canestri para su nueva concepción del proceso psicoanalítico, levantando al final, de forma esquemática, cuestiones que derivan del texto, así como posibles limitaciones.

Palabras llave: proceso analítico, trabajo de transformación, teorías implícitas, modelo imaginario, modelo teórico.

## Referências

- BION, W.R. (1962). *Learning from Experience*. London: Karnac Books. 1984.  
———. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*. London: Karnac Books. 1984.  
CALICH, J.C. O inconsciente e suas tensões atuais. *Rev. Psic. SPPA*. 3, 2003.  
———. Mundo interno e transformações. In: EIZIRIK et al. (org). *Psicoterapia de orientação psicanalítica: aspectos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed., 2004<sup>a</sup>, cap. 12.  
———. Modelos psicanalíticos da mente. In: Eizirik et al. (org). *Psicoterapia de orientação psicanalítica: aspectos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed. 2004b, cap. 13.  
CHAVARELLI, M. de F. Psicanálise e ciência: de que ciência estamos falando? *RBP* 37:4 2004.  
GLEICK, J. *Caos – a criação de uma nova ciência*. São Paulo: Campus, 1989.  
LAKATOS, I. (1970). Falsification and the methodology of scientific research programmes. In: Lakatos, I. e Musgrave, A. (eds.) *Criticism and the growth of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.  
———. (1998). *Historia da ciência e suas reconstruções racionais*. Lisboa: Edições 70.  
MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.  
MONDRZAK, V.S. et. al. O inconsciente na perspectiva da complexidade e do caos: uma abordagem inicial. *Rev. de Psic. da SPPA*. 3,2003  
PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. São Paulo: UNESP, 1996.  
SANDLER, P.C. Epistemologia do inconsciente. *Rev. Psic. SPPA*. 3, 2003.

Recebido em 25/11/2004

Aceito em 08/12/2004

### José Carlos Calich

Av. 24 de Outubro, 838/603  
90510-000 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: jccalich@sppa.org.br

© Revista de Psicanálise – SPPA